

humanitas

Vol. L - Vol. I

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

VOL. L • TOMO I
MCMXCVIII

1.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA
DO DOUTOR JOSÉ GERALDES FREIRE



A *ARS SCRIBENDI*
TEXTOS E IMAGENS

MARIA JOSÉ AZEVEDO SANTOS
Universidade de Coimbra

Por ocasião da passagem do VIII centenário do nascimento de Santo António, foi realizada a Exposição “Santo António em Santa Cruz: Códices do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra no tempo de Santo António” estruturada em três partes principais seguindo um percurso gradual de complexidade de leitura¹:

1. O *scriptorium*
2. As imagens
3. Os códices

Por amável e honroso convite da Senhora Prof^{ra}. Doutora Cândida Pacheco, coube-nos orientar a representação da 1^a parte: o *scriptorium*. Então, em estreita colaboração com a Biblioteca Pública Municipal do Porto e com o Senhor Prof. Doutor Fernando Távora, tentámos recriar, como nos foi pedido, um espaço de actividade da escrita num mosteiro medieval do tempo de Santo António.

Com base em fontes iconográficas e documentais, concebemos uma pequena sala, construída para o efeito, onde foram colocados os móveis que considerámos indispensáveis para a representação de um *scriptorium* medieval. Uma “secretária” dupla com seu atril, dois bancos, uma mesa, uma pequena

¹ *Santo António em Santa Cruz: códices do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra no tempo de Santo António — Roteiro de Exposição* (26/9/95 a 8/12/95), B.P.M.P., Porto, 1995, p. 11.

estante de parede e uma arca. Todos os móveis foram hábilmente construídos para este fim e em madeira de castanho.

Mas a actividade da escrita exigia além de móveis, materiais de vária natureza. Por isso, “recheámos” todo o ambiente de produtos, de matérias-primas, de instrumentos, de objectos, presentes, invariavelmente, onde quer que se escrevesse. Destaque-se a mesa onde colocámos os principais ingredientes da tinta de escrever: nozes de galha, sulfato de ferro, goma arábica, vinagre e nem faltou o pau de figueira brava com que a mistura se mexia ao lume ou a frio. Observar-se-ia ainda sobre a mesa um objecto de medida de tempo, uma ampulheta, uma vela, penas de ave, talhadas e por talhar, frascos com tinta, tesouras, pedra-pomes, um almofariz. Sobre as “secretárias” pergaminho, penas de ave, réguas, compassos, fio, dedais e agulhas para remendar o pergaminho, tabuinhas enceradas, e nos orifícios, existentes para o efeito, três *cornua* (tinteiros) — um com tinta negra, outro com tinta vermelha e outro com tinta azul. Num espaço desta natureza não poderia faltar uma arca com toda a sua carga emblemática. Aqui guardaram-se as nozes de galha, muitas penas de ave, muito pergaminho e outros objectos.

Na estante de parede, colocámos um livro medieval em fac-símile.

Para dar vida ao *scriptorium* solicitámos a preciosa colaboração de dois antigos alunos da disciplina de Paleografia e Diplomática, Anísio Miguel Bem-Haja e João Miguel Vilalobos². Trajados de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho³, imbuídos de um admirável espírito e mentalidade de “copistas” representaram, durante a Exposição, algumas das etapas de produção de um códice ou da preparação da tinta, pergaminho ou penas. Para eles o nosso reconhecimento.

Antes de entrarem na pequena sala, os visitantes da *Exposição* podiam ler, em dois painéis, textos relativos ao *scriptorium* que redigimos com objectivos essencialmente didácticos e aqui publicamos em apêndice⁴.

² Este aluno, com notável habilidade, reproduziu algumas das peças em exposição: réguas, tabuinhas enceradas, “punctorium”, rolos de pergaminho.

³ Baseámo-nos no trabalho e informações do Senhor Professor José Marques a quem, aqui, desejamos reconhecidamente agradecer («Figurino Crúzio visto da segunda metade do século XVIII», separata das *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*, Porto, vol. I, pp. 531-548. À Sr^a. D. Susana Falcão que com tanto saber e empenho confeccionou os hábitos, com suas túnicas, sobrepelizes e murças, deixamos também expresso o nosso agradecimento.

⁴ O texto I foi publicado no *Roteiro da Exposição* (pp. 21-22).

A *Exposição* encerrou no dia 8 de Dezembro de 1995, no Porto, e iniciou, então, uma itinerância que a levou a Coimbra, Viseu, Trancoso, entre outros lugares. Três anos depois quisémos reunir, nesta pequena nótuła, que dedicamos ao Senhor Professor Doutor José Geraldes Freire, nosso antigo professor de Latim Medieval, todos os textos e algumas imagens que pensamos serem bem reveladores do propósito que nos animou em mais uma evocação de um espaço e de um tempo tão distantes.

Apêndices

1. Textos
2. Imagens

1. Textos

I

Note-se que para escrever são necessárias, pelo menos, três coisas: pergaminho, pena e tinta. O pergaminho são as mãos de Cristo, a pena o cravo, a tinta o sangue” (St^o. António, *Sermões*, II, 932).

Evocar Santo António é também lembrar os espaços exteriores e interiores que percorreu, lendo, escrevendo e meditando. Assim, é nossa intenção que na pequena sala agora construída se sinta um ambiente que, apesar da distância dos séculos, transporte o visitante aos começos do século XIII e, porque não, ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra onde, naquele tempo, vivia Santo António e existia um laborioso *scriptorium*.

Mas o que era um *scriptorium*? Tratava-se de um lugar próprio de mosteiros e sés, individual ou colectivo, e de localização e características que em muitos casos ainda se desconhecem. Era destinado, todavia, sempre, à actividade da escrita, particularmente da cópia, encadernação e iluminação de manuscritos.

Um *scriptorium* “tempo de ler e de escrever”, como já o designaram, dificilmente se pode imaginar sem *scriptores*, sem mobiliário, sem as condições materiais indispensáveis à *ars scribendi*.

Então, numa sala onde o sagrado e o profano se misturavam, onde o ruído se reprimia, enquanto à luz e ao calor se liberalizava a entrada, poderíamos observar mesas, atries, cadeiras, escanos e outros móveis e objectos. De entre estes destaquem-se os canivetes, os raspadores, as régua, as facas, as tesouras, o *punctorium* (para fazer a picotagem), além de outros como velas e lamparinas.

Como material suporte da escrita veríamos, invariavelmente, o pergaminho que, em palavras cheias de poesia, Aquilino Ribeiro descrevia como “pele branca como a neve ou morena como o marfim velho” ou “velino brando como pele de rapariga”. Algumas vezes, tabuinhas enceradas (destinadas a simples apontamentos); papel, só a partir de 1268.

Se ao pergaminho, devidamente preparado e cortado, juntarmos a pena de ave já talhada e a tinta negra, ou de outras cores, obteremos, então, o trinómio necessário ao copista para que ele inicie a sua tarefa.

Tarefa penosa, exigente, demorada, que monges e clérigos descreveram, por vezes, em belos mas patéticos cólofos.

A cópia dos manuscritos, ou documentos, poderia ser feita directamente, colocando o original numa estante, às vezes giratória, diante do copista, ou indirectamente através de ditado. Após o traslado, o copista, ou outra pessoa, encadernava e iluminava o códice cuja beleza e arte, felizmente na maior parte dos casos, o tempo, os homens e a Natureza não conseguiram destruir.

II

O pergaminho

«Como deve fazer-se o pergaminho. Mete-o em cal e fica aí durante três dias e estende-o no cavalete e raspa-o com uma navalha de ambos os lados e deixa secar. Depois faz quantas folhas quiseres fazer e depois podes pintar com cores».

(Manuscrito de Lucca, século VIII-IX)

III

A tinta

«Recepta de tinta

Toma de gallhas I onça e quebranta as meudas e lança as a ferver em hũa libra d’auga terçada de vinagre branco e fervam tanto que mingue as II partes e lança lhe meia onça de goma e toma de azeche IIII.^o onças muudo e peneirado e lança lho dentro e mexe com huum paaõ e folge assy hũa noite e huum dia e sera muito booa».

(A mais antiga receita de tinta, de origem portuguesa. [1464], A.D.B.
— Colecção cronológica, cx. 31, doc. s.n.)

IV

Os instrumentos e objectos destinados aos que escrevem

«...Estante de coro, vela, lamparina, lanterna, corno para tinta, pena, chumbo, régua, tabuinhas, estilete, cadeira, secretária, giz, raspador, pedrapomes».

(Rol de instrumentos e objectos que em 1220 João de Garlande considerava necessários para escrever).

V

O copista e os cólofos

«O quam gravis est scriptura: oculos gravat, renes frangit, simul et omnia membra contristat. Tria digita scribunt, totus corpus laborat...».

(século VIII)

«Scribere qui nescit nullum putat laborem». (século XII)

«Qui librum scripsit, multum sudavit et alsit: propitietur ei Deus et pia virgo Maria».

(século XIII)

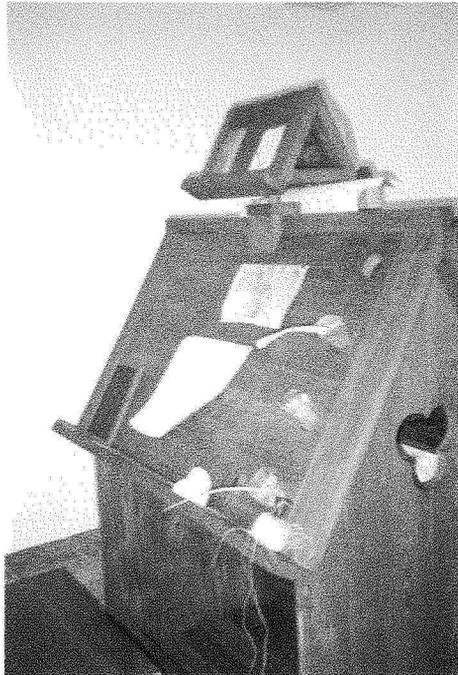
2. Imagens



Grav. I – Aspecto geral do *scriptorium*.



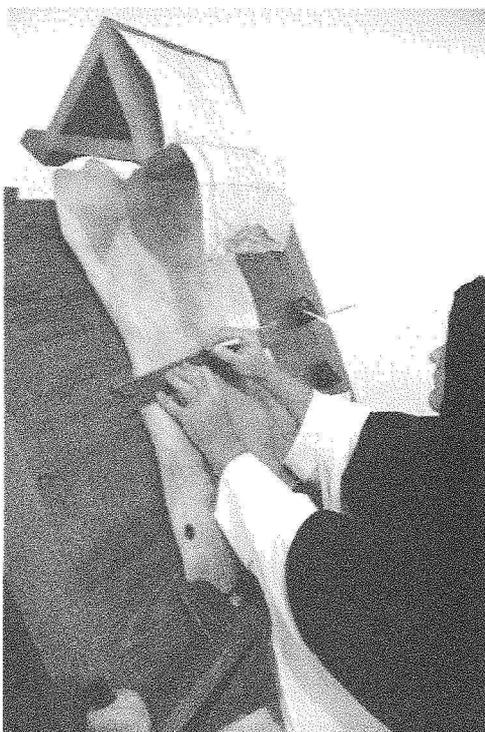
Grav. II – Pormenor dos instrumentos e produtos expostos na mesa.



Grav. III – A “secretária” com os *cornua* das tintas, compasso, pedra-pomes e outros objectos.



Grav. IV – A picotagem do pergaminho.



Grav. V – A regragem do pergaminho.



Grav. VI – O fio com que se remendava o pergaminho.



Grav. VII – «Escrever com uma faca na mão esquerda».